

# **COMO EU ENTENDO EDUCAÇÃO PARA A VIDA**

**JOSÉ RAUL TEIXEIRA  
ESPÍRITO CAMILO**

Valentim Neto - 2017

(Revisão de expressões e notas)

neto.aga@gmail.com

## PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. A base da família é o casamento. Poderíamos dizer que a educação começa com o preparo para o casamento? Qual seria o tempo ideal para o namoro, noivado e casamento?

R - A questão é cíclica, em si mesma, uma vez que educar para o casamento tem a ver com educar para a vida. Dessa forma, os indivíduos deverão ser educados para que saibam viver, e, então, estarão aptos a viver em qualquer contexto, seja no do casamento, no da profissão ou da vida social etc. O tempo ideal para o namoro, noivado e casamento seria aquele que permitisse ao casal um melhor aperceber-se de um e do outro, a fim de se analisarem mutuamente, verificando se estão diante de alguém com quem gostariam de viver toda a existência terrena, ou por outro lado se, se acham em condições de conviver com as fragilidades, vícios, hábitos e manias do outro, sem se atormentar e sem atormentarem.

2. Qual a função desses três períodos?

R - Encarando essas fases como exigências sociais, que obedecem a essa necessidade que têm os indivíduos de estabelecerem um contacto mínimo, antes do matrimônio, propriamente dito, vemos tais fases como propiciadoras desses contactos, desse entrosamento, partindo de um conhecimento mais periférico, que envolve modos, gostos, falas etc., passando por um estágio em que já se vivencia uma intimidade maior no campo das ideias, firmezas e fragilidades da outra pessoa, ocasião em que se deverão por as cartas na mesa, no sentido de se definirem, posturas para o casamento, condutas perante a questão profissional, quanto ao trabalho fora de casa, à criação de filhos, ao ajustamento religioso dos filhos em razão das diferenças do par etc. O casamento, contudo, é que, ao longo do tempo, vai coroadando esse conhecimento, impondo muitas vezes mudanças de opiniões, de ideias ou de condutas que se tinha com relação à outra parte, amadurecendo o bem-querer ou confirmando os desencontros.

3. Você acha que deveríamos ter nos Centros Espíritas cursos que preparassem os noivos para enfrentarem a vida de casado, semelhantes aos que encontramos na igreja católica?

R. Creio que tudo o que se puder extrair do ensinamento Espírita que possa ser de utilidade imediata ou mediata às pessoas, deve ser explorado, sem qualquer dúvida. Contudo, no campo do casamento, temos que convir que não será em um, dois ou três meses de discursos ou leituras bonitos sobre a 'vida a dois', que se logrará educar pessoas que jamais tiveram cuidados consigo mesmas, que nunca pensaram na seriedade da vida, que estão à cata da formalização da convivência sexual. Não resta dúvida de que se podem retirar dessas preparações muitas ilustrações positivas, ensinamentos notáveis, concepções muito felizes, mas, vale verificar que ninguém prepara realmente ninguém para enfrentar a vida de casado, senão ao longo de uma existência de boa vontade e disciplinas.

4. Quanto à questão da preferência religiosa, você acredita que um cônjuge que seja adepto do Espiritismo, ao casar com outro que não o é estará colocando em risco a futura estabilidade do seu casamento?

R - As coisas não se passam bem assim. Sendo maduro o casal, saberá dialogar, preferencialmente naqueles períodos chamados de namoro e noivado, a respeito das suas diferenças de postura perante a fé religiosa como diante de outras situações da vida. Se são amadurecidos, de fato, os dois saberão respeitar-se, entender-se, compreendendo que o verdadeiro amor está muito acima das muralhas humanas construídas com os rótulos mais

diversos. Caso o casal não tenha essa vivência da maturidade, ainda quando seja da mesma crença religiosa, costuma debater-se em praças escuras de absurdos desentendimentos, marchando, muitas vezes, não só para a desestabilização do casamento, como para a destruição do lar.

5. Qual o tempo ideal para que um casal possa pensar em ter filhos?

R - Não existe nenhuma regra que nos ajude a estabelecer qual o tempo ideal para isso. Entretanto, os Bons Espíritos costumam dizer-nos que cada criatura, quando está no funil da reencarnação, deverá renascer dentro de determinadas estruturas sociais, econômicas, financeiras, políticas, religiosas etc. da sua família. Em sendo assim, o casal que queira programar-se para ter seus filhos em determinadas épocas, épocas que são ajustadas a questões profissionais, estudantis, emocionais e outras, não deverá perder de vista que os irmãos que se preparam para retornar à Terra têm, igualmente, necessidades e programações que deverão dar conta. Nada impõe esse tempo ao casal, a não ser o bom senso, a maturidade do senso moral, que fará com que o casal não protele, indefinidamente, essa disposição para a ‘pater-maternidade’.

6. As encarnações são todas programadas ou existem aquelas que seriam ‘acidentais’, provenientes do livre-arbítrio?

R - Se considerarmos as programações que são feitas na erraticidade, junto dos nossos Anjos Guardiães, com vista ao nosso melhor aproveitamento da existência corporal, diremos que nem sempre as encarnações foram programadas. Entretanto, se compreendermos que, a partir do nosso ‘modus vivendi’, dos caracteres que desenvolvemos no mundo, os Bons Espíritos vão deixando que cada um refaça seu caminho, em virtude dos atalhos escolhidos, dos vícios assimilados ou desenvolvidos, então, veremos que as ‘novas disposições’ do indivíduo passam a representar uma reprogramação da sua vida. Assim, conseguiremos entender que não ocorrem episódios fora da ‘visão’ do Criador. Os renascimentos poderão ser chamados ‘acidentais’, porque se deram dentro de contextos que a sociedade familiar não esperava, ou que mesmo o casal não desejava, de modo consciente. Contudo, o seu modo de ser, seu estilo de vida, muitas vezes não exteriorizados, mas alimentados no íntimo, onde residem desejos e se nutrem fantasias já o haviam candidato ao episódio, dito inesperado ou acidental. A ‘lei do acaso’, tão bem defendida pela estatística, não tem sentido no campo da vida moral, onde a cada um é dado conforme suas obras.

7. Para um casal Espírita, qual seria o preparo psicológico que deveriam fazer para facilitar o nascimento de seus filhos?

R - Para qualquer casal Cristão, o melhor preparo psicológico nesse campo seria da confiança irrestrita no Criador, que age através das leis cósmicas reguladoras da vida em toda parte. Entretanto, para o casal Espírita-Cristão essa confiança irrestrita seria acrescida da lucidez quanto à realidade que envolve o nascimento de seus filhos. Sabe o casal Espírita que seus filhos não são seres virgens, saídos das mãos do Criador, diretamente para seu lar. Sabe, isto sim, que são viandantes do progresso, em busca de amparo e orientação, a fim de que possam dar conta do próprio destino, que é a perfeição, inabordável, por agora, para a maioria da Humanidade. Esse preparo psicológico, então, terá como acréscimo a educação dos próprios hábitos, buscando equilibrá-los, harmonizá-los, construindo no lar o clima psíquico mais valioso para receber os filhos e oferecer-lhes recomendável e enobrecida escola doméstica, onde eles aprenderão, à custa de trabalhos intelectuais e transformações morais, o mais curto caminho para Deus.

8. A conduta da prece ajuda o processo reencarnatório?

R- Indubitavelmente. Em se constituindo na chave que abre as portas do Infinito, onde se move o inefável amor de Deus, a prece é capaz de auxiliar em todo e qualquer lance da existência. Lastimável é que seja tão ignorada, incompreendida e tão malversados seus objetivos, preferindo o indivíduo aconselhar-se com o desespero, com a angústia e com medidas perfunctórias que não servem, verdadeiramente à vida.

9. A maioria das pessoas acredita que os filhos são inimigos do passado. Não poderiam ser Espíritos que nos foram caros em outras vidas ou mesmo que nunca tiveram relação conosco, mas que nos são confiados para o relacionamento e educação?

R - Grande número de indivíduos que participa dos movimentos Espíritas, ou não, tem muita dificuldade de entender o processamento das leis divinas no âmbito das nossas vidas. É muito comum essa ideia, no contexto familiar, de que filhos e pais hajam sido inimigos no pretérito, e que, agora, estão juntos para a rearmonização. É indiscutível que muitíssimos são os casos de indivíduos que se reencontram com fins de devoluções recíprocas, situações em que se defrontam inimigos antigos ou recentes para os reacerdos. Porém, há um enorme contingente de Espíritos que se acham no mundo terrestre para que se ajustem com as divinas leis, aceitos por esses ou aqueles Espíritos na condição de filhos, de pais ou de irmãos, sem que tais vínculos hajam sido de mágoa, de malquerenças, de ódios, obrigatoriamente. Muitos deles vêm de experiências de velhas amizades, de ternuras imensas, de amores sublimes, e vêm para se apoiarem reciprocamente em momentos difíceis que passarão em conjunto. Outros vários provêm das rotas das afinidades, sem que tenham que ter convivido fisicamente juntos. Os desencontros que podem advir, mesmo nessas últimas relações, estão atrelados às condições humanas de cada um, às predisposições ao equívoco que cada um leva em si sem que tal corresponda a posicionamentos antigos de inimizades ou outras relações amargas. Entretanto, vale lembrar que, seja qual for o motivo que une pais e filhos, a tarefa dos pais é uma verdadeira missão, conforme ensinam os Luminares a Allan Kardec, na pergunta 582 de O Livro dos Espíritos. ‘... é, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o pensa o humano, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem’.

10. Quando é que começa o período da adolescência e qual é a sua importância para a formação da personalidade?

R - A questão encontra definições diferentes nos escritos dos diversos estudiosos desse período, que se distribuem em múltiplas escolas psicológicas e sociológicas. Grande número deles, contudo, situa o começo da adolescência entre os 12 e 14 anos. Constituindo-se num período em que o Espírito encarnado, após haver recebido, bem ou mal, os encaminhamentos da infância, se acha em processo de empreendimento, ou seja, está a estruturar aquilo que se configurará como sua realidade para largo período da sua encarnação, quando não para toda a encarnação, o que dá gravidade a essa fase. Aquilo que estiver a semear, isso mesmo o jovem colherá mais adiante, pelos caminhos da sua vida. É assim

de grandíssima importância o período da adolescência, que deverá ser melhor observado por pais e demais educadores, bem como valorizado pelos próprios Espíritos que estão a viver, por algum tempo, tal período.

11. A partir de que momento os pais devem ter uma conversa sobre sexo com seus filhos e até que ponto deve ir a ‘revelação’?

R - Não deveria ser configurada essa conversa sobre sexo com os filhos, pois isso determinaria uma formalização de algo que é demasiado natural, embora o caráter de excepcionalidade que muitos dão a tal fato. Os pais, basicamente, e outros educadores das crianças, deveriam referir com a naturalidade que o fenômeno exige, como falam da chuva, da floração, da colheita, de urinar e do alimentar-se, sem que precisem ‘fechar portas’, ‘falar baixinho’, dando status de coisa proibida ao que é profundamente normal, natural, biológico. A fase será aquela em que a criança já está a conviver com outras crianças mais vivas ou muito informadas, a fim de que a sua ingenuidade ou despreparo não lhe preparem qualquer dificuldade na convivência social. A ‘revelação’ não deverá seguir além do nível intelectual e do amadurecimento psicológico que a criança apresente, não pelo aspecto proibitivo, mas, para que ela possa extrair melhor aproveitamento da lição, sem se perturbar. O que deve ser bem mais observado é a forma como se trata da questão com os pequenos, a fim de que não se trate do assunto de maneira chula, fazendo a criança crer que a sexualidade, embora, repitamos, o seu caráter natural, deva ser também tratada como brinquedo da vulgaridade daqueles muitos que não dispendo da nobreza para tanger o tema, fazem-no com leviandade e sentido pejorativo. Quando se fala da voz, da visão, da floresta ou do mar, fala-se com tamanha tranquilidade e naturalidade, que não passa pela mente do comentarista fazer chacota com qualquer deles. O mesmo natural respeito deve manter-se ao tratar-se da questão sexual com as crianças, ou com qualquer indivíduo a quem se queira instruir.

12. Como devem agir os pais perante filhos rebeldes? Jovens que não querem estudar nem trabalhar, por exemplo.

R - Muito embora a questão quase sempre seja apresentada mostrando somente uma face do problema, ou seja, sem indicar como foram educados e instruídos esses filhos, desde pequeninos, admitamos que os pais, que agora os lastimam, tenham agido corretamente, conforme pais amadurecidos agiriam, sem excessos, com disciplinas, com responsabilidades bem dosadas aos seus níveis de desenvolvimento. A princípio, o diálogo deve ser tranquilo e muito claro sobre a obrigação que todos temos perante a vida. A persuasão positiva e lúcida, sem pieguismos, sem se perturbarem com possíveis encenações que os filhos possam aprontar, para dissuadirem seus pais da ideia de obrigá-los a alguma coisa. Se dispõem de recursos e possibilidades de estudar e não o querem. Nenhum problema. Deverão trabalhar, ocupando o tempo nobremente, aprendendo a valorizar com os próprios esforços a bênção dos estudos e das oportunidades relegadas. Quanto a não quererem nem uma coisa nem outra, então, será fácil verificar que foram crianças mimadas, quase sempre, criadas sem respeitar responsabilidades, sem cumprir deveres, e, aí, não há remédios a curto prazo, como muita gente gostaria. Cada criança não é um anjinho virgem, acabado de ser criado por Deus. É, isto sim, um Espírito velho, muitas vezes cheio de maus costumes trazidos do seu pretérito e reforçados por um deficitário processo de educação doméstica. É muitíssimo importante o ensino do Espírito da Verdade a Kardec, conforme a resposta da pergunta 583, de O Livro dos Espíritos, quando afirma: ‘... quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho’.

13. Qual o papel da Escola na vida do Espírito encarnado?

R - Entendendo a Escola como sendo o templo do saber intelectual, a serviço das leis de Deus no mundo, o seu papel será o de despertar no indivíduo a sensibilidade para 'ver' as sublimes leis da Natureza projetadas em cada coisa, em cada fenômeno à sua volta, instigando-o para interessar-se por investigá-las, ampliando o seu conhecimento do mundo em que vive, o que lhe permitirá melhor prestação de serviços à vida.

14. Qual o papel da disciplina doméstica na educação? Cite alguns exemplos de vida disciplinada no lar e na conduta do jovem. É importante a pessoa ter horários fixos para dormir, acordar, estudar, divertir-se etc.? Até que ponto se pode controlar o horário de retorno dos passeios de nossos filhos?

R - Quando se fala em disciplina, quase sempre as pessoas podem imaginar estruturas castrenses, formas amedrontadoras, ou algo assim. Entretanto, se verificarmos bem, a vida impõe-nos disciplinas naturais, ao mostrar-nos que não podemos comer em demasia, sem nos enfermarmos; que não podemos falar além da conta, sem o fenômeno da rouquidão ou da perda da voz, e, assim, sucessivamente. A disciplina, daí, passa a ser uma postura de amadurecimento e de responsabilidade diante das mais variadas situações da vida, levando a pessoa a agir de livre vontade, por saber que esse é o seu dever, sem que seja necessário que ninguém o imponha. A função, portanto, da disciplina doméstica é a de despertar nas crianças e nos jovens esse trabalho de autodisciplina, de autocontrole, para que sejam verdadeiramente livres. Por que alguém terá que ficar numa festa até o amanhecer, quando tenha compromissos a atender pela manhã, ou quando tenha dificuldade para despertar de bom humor, ao dormir pouco? Por que alguém deverá comer sem comedimento, estando à mesa, sabendo que há mais pessoas para se alimentar? Por que alguém deverá comprar tudo o que vê e gosta, quando ainda deve a terceiros compras não pagas, ou quando saiba, de antemão, que não terá recursos financeiros para pagar? Por que alguém terá que festejar suas alegrias em casa, ajustando o som no volume mais alto, desconsiderando a vizinhança, seja vizinhança residencial, seja hospitalar ou escolar? Para todas estas perguntas, a resposta estará alicerçada nessa capacidade que cada pessoa tem de se autogerir. O autogoverno, porém, não é algo fácil de se incutir na criança e mesmo no adolescente, com poucas exceções. Por isso é que muitos pais o determinam. Vale, entretanto, dialogar, estabelecer acordos com os filhos, acordos exequíveis para que possam ser cumpridos, e tais acordos, uma vez estabelecidos entre pais e filhos, deverão ser cobrados, harmoniosamente cobrados, buscando-se ensinar a criança a cumprir a própria palavra, merecendo respeito e consideração, a partir daí. O controle propriamente dito, deixa de ter sentido, quando a proposta é educacional. Cuidem-se, porém, os educadores, para que também não falhem nos compromissos assumidos com os filhos e outros educandos, sem plausível justificativa...

15. Quando é que se pode dizer que um filho (ou filha) não precisa mais dar satisfação a seus pais do que fazem?

R - Quando os filhos são educados para a convivência confiante, junto a seus pais, torna-se secundária essa preocupação. Os filhos, mesmo quando adultos, sabem o que devem, ou podem, ou querem dizer a seus pais. Não há um período exato para fazer ou deixar de fazer isso. Quando os filhos são adolescentes e convivem bem com os pais, tomam eles mesmos a iniciativa de dizer aonde vão ou com quem vão aos seus pais, como bons amigos que se confidenciam. Quando não há essa boa convivência, por mais que se lhes exija, eles podem dizer que vão ali e, em verdade, irão acolá. Poderão afirmar que estarão

com fulano, quando, em realidade, sairão com beltrano. Vemos, então, que se faz importante que os pais, desde que seus filhos sejam pequeninos, comecem e orientá-los para esses deveres familiares, preferencialmente ensinando não só com palavras, mas, também, com exemplos.

16. Como proceder com filhos de Espíritas que não se interessem pela Doutrina Espírita? Há Espíritos que por imaturidade não conseguem absorver seus ensinamentos?

R - Esta é uma questão bastante delicada e complexa, uma vez que estamos a saber do fenômeno atual, sem que penetremos as razões desse desinteresse, que, muitas vezes está no próprio lar. Quando não, poderemos estar diante de Espíritos refratários aos ensinamentos Espíritas, portadores de bagagens reencarnatórias muito enraizadas noutras crenças, exigindo paciência e compreensão dos pais, que tudo farão para que seus filhos sejam nobre criaturas, dignos cidadãos, respeitosos, felizes, deixando que o tempo faça o que não tenham eles podido fazer, no que tange às eleições religiosas. Enquanto são crianças, os pais irão em busca das técnicas variadas da persuasão, até porque sabem que têm compromissos de reconduzirem esses Espíritos ao Criador, conforme propõe o Espírito Agostinho, no cap. XIV, item 9, de O Evangelho Segundo o Espiritismo. Quando chegam à adolescência com tais indisposições pela Doutrina, passamos ao diálogo, e quem dialoga deve compreender as razões de parte a parte. O que os pais Espíritas deverão atentar sempre será para o nível da vida moral dos seus filhos, porque se não desatnarem, se não se incriminarem nos dramas dos mundos, sem sombra de dúvida, esses filhos já terão superado grandes quotas de infausto pretérito.

17. Como devem agir os pais perante o jovem que começa a usar drogas?

R - Antes das reprimendas e desesperos, vale uma pausa para meditar nas possíveis causas dessa desafortunada escolha do jovem. A droga representará uma fuga, para aqueles atormentados em si próprios, desassistidos no lar, muitas vezes, vivendo em gaiolas douradas, onde os pais sempre lhes deram tudo de material, sem lhes oferecerem o coração compreensivo, ouvidos atentos, olhos vigilantes. Muitos saíam e voltavam, sem que seus pais soubessem onde e com quem estavam, nas fases de estruturação do caráter, quando pesam as influências exteriores às do lar, mormente quando as do lar não primaram pelo acompanhamento, pelo diálogo, pela leitura atenta dos discursos silenciosos dos adolescentes. Nesses casos, que se abra mão do orgulho perturbador, que se busque o auxílio médico e a ajuda espiritual no seu campo de crença. Caso não tenha um ponto de apoio espiritual definido, que lhe garanta sustento na fase difícil, as Instituições Espíritas, quando bem orientadas pela Codificação Kardequiana, muito os poderá socorrer por meio da oração, da sua fluidoterapia, das técnicas diálogo e da desobsessão, pois os casos de adentramento nos vícios de quaisquer naturezas acabam por atrelar-se a processos obsessivos. Perante os filhos assinalados pela dependência química, junto a todas as providências médico espirituais, jamais desistam do amor, do envolvimento afetivo e maduro, lúcido e bom, confiando na Providência de Deus, e pondo nas Suas Mãos, os seres que vieram para um destino abençoado na reencarnação e que, por um ou outro motivo, se deixaram arrastar pelo vício.

18. Como devem proceder as mães frente a uma gravidez de sua filha, fora do casamento? Que tipo de esclarecimento preventivo poderia ser dado aos filhos, para que se evitasse esse tipo de situação?

R - Com muita calma e Espírito compreensivo. O fato já está consumado. Toda e qualquer palavra áspera, ofensiva, somente irá piorar a situação. Engravidar não é o proble-

ma, quando se tem a cabeça decidida a agir bem. Nada de pensar no aborto, o que só expressaria o orgulho social que se impõe ter que dar satisfação à vizinhança. Lógico que nenhuma mãe pensou em tornar-se avó dessa forma, no susto ou no choque do inesperado. Contudo, após esfriar a mente, começa-se a pensar no ser que virá ao mundo a necessitar de apoio, de ajuda, de roteiro para Deus. Aconchegue a sua filha que se tornou mãe solteira; como mulher, compreenda-a. Verifique, dentro do seu coração, se as suas orientações a sua filha foram maduras ou se estavam cheias de ameaças, de medos, de preconceitos, que eram mais orgulho e vaidade do que, propriamente, esforço educativo. Que bom que sua filha não abortou... Ensinar aos filhos e filhas a autodisciplina, o autogoverno, são excelentes iniciativas para que rapazes e moças, nesses tempos calamitosos do sexo livre e irresponsável, aprendam a cuidar-se mais, a respeitar-se mais e a assumir as responsabilidades decorrentes do uso da sua liberdade.

19. No processo de educação, como é que devemos nos posicionar perante o filho, a filha, o irmão ou irmã que apresenta sinais de homossexualidade? O homossexualismo é uma condição normal de vida, ou uma posição de anormalidade encarnatória?

R - Nos estudos do Espiritismo, registramos a menção dos imortais a esses arquivos que todos os indivíduos portam, com bagagens as mais variadas, que falam das inumeráveis existências de cada um, assumindo personalidades variadas, enriquecendo a individualidade, na árdua marcha ascensional para o Criador da Vida. Há casos em que essas bagagens estão entreabertas e permite-se veja as inclinações homossexuais dos indivíduos. Em outros casos, não obstante as mesmas inclinações existam, as bagagens se acham de tal forma vedadas, que quase ninguém percebe, e, várias vezes, o próprio portador dessas tendências garante que não é nada disso... Ao perceber-se na criança tais situações, vale a pena conduzi-la a um acompanhamento psicológico, pelas mãos de profissionais respeitáveis por sua dignidade profissional, preferencialmente aquele que já admita a realidade do Espírito, a fim de que os pais encontrem esse apoio, no sentido de verificar se não está sendo o próprio lar o reforçador dessas características, quando não o fomentador. Junto a isso seguirá a orientação espiritista, que a criança irá absorvendo nas aulas de Espiritismo, ou de Moral Cristã, enquanto se desenvolve no entendimento das coisas. No caso de serem adolescentes, será justo que se estabeleça o diálogo fraternal entre eles e aquele que se apresenta para ajudar, depois de verificar se dispõe das características de respeito, de paciência, de argumentação lógica e de autoridade moral para o feito. Depois, vale a pena dar-se conta, quem vai querer ajudar, de que tem suficiente maturidade para saber ouvir do homossexual que ele está feliz como é, e que não carece de auxílio. Sim, porque, para socorrer alguém é preciso ter suficiente humildade de ver rejeitado o socorro que se quer ofertar. Há muito chão para se caminhar no mundo dos campos da psicologia, da sociologia, da medicina e de outras áreas de conhecimentos, até que se consiga uma visão perfeita do homossexualismo. À luz do Espiritismo, contudo, seja qual for a interpretação que se dê no mundo, a questão estará sempre pertinente ao livre-arbítrio do Espírito que se decide por adotar esse ou aquele padrão de comportamento sexual, justificando de mil e uma formas, aludindo a questões históricas, a contextos genéticos ou sociais, tão somente para exprimir a fase por que passa o Espírito, em sua longa marcha para Deus, escolhendo, por experiências de acerto e erro, o que o irá alteando, libertando, felicitando, ao longo dos milênios. Deus mesmo, pelo que vemos, criou corpos masculinos e femininos. Tudo mais fica por conta do livre-arbítrio humano, sem que se deva falar em pecados, miséria ou fim do mundo, mas, sim, em experiências do ser imortal.

(Do Portal Espírita)